

AUTONOMIA NO APRENDIZADO DE LÍNGUAS: UMA REVISÃO INICIAL

AUTONOMY IN LANGUAGE LEARNING: A PRELIMINARY REVIEW

Tiago Rebecca

tiago.rebecca@fatec.sp.gov.br

RESUMO

Este trabalho destaca a autonomia como uma necessidade da sociedade globalizada, que exige a capacidade de aprender, adaptar-se e tomar decisões conscientes. O presente trabalho aborda a relevância e a complexidade da autonomia no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras na sociedade contemporânea, marcada pela globalização e pela evolução tecnológica, resgatando a origem dos estudos sobre autonomia no ensino de línguas a partir da década de 1970, impulsionada pela emergência da abordagem comunicativa. Com o objetivo de revisar a literatura, o trabalho foca nas contribuições de pesquisadores de destaque, como Phil Benson (1997, 2007), Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva e Junia de Carvalho Fidelis Braga (2006, 2008). Em conclusão, o estudo reforça que a autonomia envolve questões psicológicas, comportamentais e sociais. A pesquisa rigorosa sobre o tema é crucial para investigar a manifestação dessa complexidade em diferentes contextos e para determinar as estratégias pedagógicas mais eficazes. O entendimento da autonomia como um sistema complexo é fundamental para formar aprendizes mais competentes, críticos e independentes, essenciais para o desenvolvimento linguístico e pessoal ao longo da vida.

Palavras-chave: Autonomia; Aprendizagem de Línguas; Complexidade.

ABSTRACT

This work highlights autonomy as a necessity in a globalized society, which demands the ability to learn, adapt, and make informed decisions. This work addresses the relevance and complexity of autonomy in the teaching and learning of foreign languages in contemporary society, marked by globalization and technological evolution, tracing the origins of studies on autonomy in language teaching from the 1970s onward, driven by the emergence of the communicative approach. With the aim of reviewing the literature, the work focuses on the contributions of prominent researchers such as Phil Benson (1997, 2007), Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva, and Junia de Carvalho Fidelis Braga (2006, 2008). In conclusion, the study reinforces that autonomy involves psychological, behavioral, and social issues. Rigorous research on the topic is crucial to investigate the manifestation of this complexity in different contexts and to determine the most effective pedagogical strategies. Understanding autonomy as a complex system is fundamental to developing more competent, critical, and independent learners, which is essential for linguistic and personal development throughout life.

Keywords: Autonomy; Language Learning; Complexity.

INTRODUÇÃO

Em função do processo de globalização do mundo contemporâneo, a sociedade passa por grandes transformações no aspecto pessoal, social, cultural, político e econômico. Estas transformações vêm acompanhadas da evolução científica e tecnológica, de uma crescente competitividade de mercado e uma necessidade de atualização permanente em relação às novas informações, mudanças, posturas e atitudes demandadas pelo mercado atual.

Mesmo com toda essa evolução, nota-se que esse os processos educacionais que se baseavam e se mantiveram no formato convencional de aula professor-aluno, de forma presencial, no qual o professor assume o papel central de transmissão de conhecimento, ou seja, o processo educacional era centrado no professor, sendo o aluno um agente passivo, hoje a realidade é outra, o aluno tornou-se um agente ativo nesse processo e ressignificou seu papel, por meio de atitudes que envolvem sua autonomia.

O desenvolvimento da autonomia tem se consolidado como um eixo central e inegociável no ensino e na aprendizagem de línguas na contemporaneidade. Longe de ser apenas um modismo pedagógico, a autonomia reflete uma necessidade premente da sociedade globalizada, onde a capacidade de aprender, adaptar-se e tomar decisões conscientes se torna crucial. No contexto do aprendizado de um novo idioma, o aluno autônomo é aquele que assume a responsabilidade pelo seu processo, gerencia seus recursos, define objetivos e avalia seu próprio progresso, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

A transição de um modelo de ensino tradicional, focado no professor, para uma abordagem que cultiva a autonomia do aprendiz é um processo complexo, que exige uma compreensão profunda de diversos fatores. É neste ponto que reside a imperativa necessidade de pesquisa no campo.

Pesquisar sobre autonomia no ensino de línguas não é apenas documentar práticas, mas sim investigar como os conceitos de autonomia se manifestam na realidade de diferentes contextos educacionais, quais são os desafios reais enfrentados por professores e alunos, e, sobretudo, quais são as estratégias pedagógicas mais eficazes para nutrir essa capacidade. Questões sobre o papel da formação de professores, a influência das tecnologias digitais, as implicações das novas metodologias ativas e as barreiras culturais e institucionais demandam uma investigação rigorosa.

Ainda, a pesquisa sobre autonomia no ensino de línguas é fundamental para embasar teoricamente a prática pedagógica, otimizar os processos de ensino-aprendizagem, e, finalmente, formar aprendizes mais competentes, críticos e independentes, capazes de dar continuidade ao seu desenvolvimento linguístico e pessoal ao longo da vida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA REVISÃO

Pode-se observar que alguns pesquisadores se tornam referência quando se busca pesquisar e entender sobre a autonomia. Este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica exploratória inicial de alguns trabalhos sobre o tema.

A princípio, a escolha dos autores foi feita considerando a familiaridade que se tinha previamente sobre as obras. Não obstante, considerou-se também o número de citações que esses trabalhos possuem. Em um levantamento realizado na plataforma Google Acadêmico (*scholar*), no início de 2025, os trabalhos de Paiva (2006, 2008) somam 313 citações, e os trabalhos de Benson (1997, 2007) possuem 3.080 citações. Dessa forma, acredita-se que uma exploração bibliográfica inicial com autores de referência nacional e outro internacional, possam contribuir para estudos sobre autonomia do aprendiz.

Outros autores são relevantes para a discussão do tema, como, por exemplo, Holec (1981), Little (1991, 2003), Dickinson (1987), Dam (1995) e Lamb (2011, 2017). Entretanto, por limitações de espaço e pelo objetivo deste trabalho – o de fazer uma revisão bibliográfica inicial pontual –, optou-se por delimitar o escopo somente nas obras selecionadas.

AUTONOMIA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Nos anos de 1970, Paulo Freire já dizia em *Pedagogia da autonomia* que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, com uma visão crítica que visa a transformação social, a liberdade de pensar e agir para tornar-se protagonista do seu próprio mundo.

É nesse sentido que os estudos sobre autonomia no ensino de línguas começaram a surgir. Os primeiros começaram a aparecer a partir do surgimento e aplicação da abordagem comunicativa. Antes disso, quando os professores eram tidos como os controladores de todo o processo de aprendizagem, autonomia não era um aspecto presente nas pesquisas acadêmicas.

Em consonância, o conceito de língua como comunicação ajudou a abrir as portas para questionamentos sobre a autonomia e o processo cognitivo da aprendizagem, principalmente na cultura/civilização ocidental, e passou a ter seu lugar de prestígio como um objetivo educacional a ser alcançado, a partir dos anos de 1970, assim como apresentaram Paiva e Braga, em um artigo de 2006:

Na década de setenta, com a emergência de um novo conceito de língua – língua como comunicação – e a ênfase nos processos cognitivos, a autonomia emergiu como um aspecto central no ensino de LE. A abordagem comunicativa abriu a porta para aprendizes mais autônomos [...] (Paiva e Braga, 2006, p. 80-81)

Trabalhos publicados por vários pesquisadores como David Little, Phil Benson, Henri Holec, em âmbito internacional, e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e Junia de Carvalho Fidelis Braga, em âmbito nacional e internacional, documentam a história e a complexidade da autonomia no ensino de

línguas. Alguns autores definem o conceito de autonomia, sua aplicação e seu desenvolvimento por vertentes diferentes,

Visto que o estado da arte sobre o assunto é vasto, optou-se por abordar somente três autores que se mostraram mais pertinentes nos trabalhos selecionados, pois as obras analisadas a seguir retomam conceitos e definições apresentados em outros trabalhos.

BENSON E A AUTONOMIA: VERTENTES E IMPLICAÇÕES

Benson (1997, 2007), apresenta um comparativo sobre a evolução da autonomia no aprendizado, a partir de autores diversos e enfatiza que a autonomia para o aprendizado requer “certas capacidades psicológicas subjacentes” (2007, p. 03) e retoma o trabalho de Holec (1981), sobre o exercício da autonomia, ao invés dela por si só, ou seja, “como” aprendizes autônomos são capazes de fazer, ao invés de “o quê”. Neste mesmo trabalho, Benson ainda aborda outras questões relacionadas ao tema. O autor busca explorar sobre:

- O Crescimento da Autonomia no Ensino de Línguas (uma breve história e definições)
- Difusão da Autonomia e Suas Críticas (versões, níveis, alternativas e autonomia e cultura)
- Contextos de Aplicações (Dentro e além da sala de aula – Auto acesso, CALL, Ensino à Distância, Intercâmbio, Aprendizado fora da sala de aula e autoinstrução)
- Interação com as teorias do ensino de línguas (Motivação, Diferenças culturais e abordagens socioculturais, Desenvolvimento pelo professor)
- Autonomia além do ensino de línguas (O individual na sociedade moderna, políticas e reformas educacionais)

Estas questões por si só merecem uma abordagem extensa e exclusiva, mas julgou-se necessário mencioná-las, uma vez que serviram de base para os demais trabalhos sobre o tema.

Em suma, os trabalhos de Benson (1997, 2007) sugerem que a autonomia do aprendiz pode ser caracterizada a partir de três vertentes: técnica (capacidade de aprender a língua sem as restrições da instituição formal), psicológica (capacidade de ser responsável pela própria aprendizagem) e política (controle sobre o controle e o processo de aprendizagem) que, para ele, são relacionadas ao positivismo, construtivismo e teoria crítica.

Nesses trabalhos (1997, 2007), Benson já define a autonomia como um sistema complexo e multifacetado, o que nos leva à análise das próximas autoras.

PAIVA & BRAGA: AUTONOMIA COMO SISTEMA COMPLEXO

Antes de discorrer, é importante mencionar que existem dois artigos publicados que abordam a questão da autonomia, para essas autoras. Um artigo foi publicado em 2006 e outro em 2008 – em parceria com Junia Braga -, porém ambos trazem informações equivalentes, mas em idiomas diferentes, o primeiro em Português e o segundo em Inglês. Dessa forma, adotou-se somente as referências do artigo de 2006.

Para a autora, se referindo e citando Little (1991, 2003, p. 01) e Holec (1981), definir autonomia é uma tarefa problemática porque é bastante confundido, com razão, como autoinstrução, pois necessitam de responsabilidade por sua aprendizagem, tomar iniciativas para planejar e executar as atividades, definir os objetivos, reveem e (re)avaliam sua eficácia, ou seja, é algo muito complexo.

Essa complexidade presente nesse sistema é a primeira característica que deve ser considerada, pois é não é estático, mas dinâmico e construído pela interação em suas partes. Nada é fixo, e existe uma constante movimentação de ação e reação e mudanças com o passar do tempo. Um elemento atinge o outro, que por consequência, atinge o outro, em uma relação dinâmica, não-lineares, imprevisíveis, abertos, adaptáveis, auto-organizáveis, fractais e sensíveis às condições iniciais e a feedback (Paiva, 2006, p. 94)

Paiva acredita que autonomia do aprendiz é um sistema complexo dentro de um sistema complexo, pois os elementos presentes no processo de autonomia são inter-relacionados com a totalidade do processo de aprendizagem, assim como representado na figura a seguir.



Figura 01 - Representação do sistema da autonomia segundo Paiva (2006)

Na figura 01, a autora explicita alguns elementos que considera cruciais dentro desse sistema complexo, mas deixa claro que outros podem existir, assim como os próprios elementos “escola” e “aprendiz”, que fazem parte do contexto social.

Dessa forma, acredita-se que a autonomia no ensino de línguas acompanhou as teorias para ensino de língua, a partir do momento que se observou a língua como um objeto individual, dinâmico. Ou seja, o desenvolvimento da autonomia vai muito além de um processo único.

Como exposto pelas autoras, a autonomia é, de fato, multifacetada. O processo para o seu desenvolvimento envolve questões psicológicas, comportamentais e sociais. Ainda, sua complexidade apresenta elementos que podem interferir o seu desenvolvimento no aprendiz.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Os autores convergem a respeito de uma base de entendimento progressista sobre a autonomia na Linguística Aplicada. Eles se afastam da visão de autonomia como autodidatismo ou um método de ensino específico. Benson (1997, 2007) define autonomia como uma capacidade ou habilidade do aprendiz, e Paiva (2006, 2008) também entende autonomia como um processo ou sistema que o aprendiz precisa desenvolver e gerenciar.

Há um consenso sobre a necessidade de focar a pesquisa e a prática no aprendiz, reconhecendo sua agência, responsabilidade e papel ativo no processo de aprendizagem, distanciando-se da pedagogia controlada pelo professor.

Embora usem arcabouços diferentes, ambos reconhecem que a autonomia é um conceito complexo e multidimensional, que envolve fatores cognitivos, sociais e afetivos/psicológicos.

A principal divergência reside no referencial teórico utilizado para analisar a autonomia. Paiva (2006, 2008) analisa a autonomia como um sistema complexo, dinâmico e não-linear. A aprendizagem é vista como a emergência de novas estruturas (autonomia) a partir da interação de múltiplos fatores (variáveis). Já Benson (1997, 2007) faz uma revisão crítica das definições de autonomia (gerencial, psicológica, política), conectando-a à filosofia da autonomia individual e ao seu papel em políticas educacionais globais.

No que se refere à natureza da autonomia, os autores são mais incisivos. Paiva (2006, 2008) defende que a autonomia é intrinsecamente um Sistema Complexo (como a própria linguagem). Ela é imprevisível, não-linear e caracteriza-se por um constante movimento de adaptação e auto-organização que emerge da interação de fatores. O estudo usa evidências empíricas de narrativas de aprendizagem para "comprovar" essa complexidade.

No entanto, Benson (1997, 2007), sugere que a autonomia é categorizada em três dimensões mais distintas: Gerencial (o que, quando, onde), Psicológica (atitudes, motivação) e Política/Filosófica (o direito de ser o autor da própria vida). O foco é mais na relação entre teoria e prática e nas implicações éticas e políticas do conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e a breve revisão bibliográfica realizadas reforçam a compreensão de que a autonomia no ensino de línguas deixou de ser um conceito periférico para se consolidar como um eixo central e inegociável na contemporaneidade. Este movimento é impulsionado por transformações globais que exigem do indivíduo a capacidade de se adaptar, aprender continuamente e tomar decisões conscientes. A autonomia reflete a superação do antigo modelo educacional centrado no professor, transformando o aluno em um agente ativo e responsável por seu próprio processo de aprendizagem.

Observa-se, então, que as tecnologias digitais, associadas a metodologias que trazem o protagonismo do aprendiz, podem ser aliadas no processo de desenvolvimento da autonomia, uma vez que o aprendiz pode precisar acionar ou desenvolver habilidades nas vertentes técnica, psicológica e política. Tais habilidades incluem, por exemplo, competência digital e crítica, regulação, gerenciamento de tempo, metacognição, além de iniciativa e colaboração.

O surgimento dos estudos sobre autonomia a partir da abordagem comunicativa, na década de 1970, demonstrou uma mudança de paradigma, reconhecendo que ensinar não é meramente transferir conhecimento, mas sim "criar possibilidades para a sua própria produção", visando a transformação social e a liberdade de pensar e agir, conforme a perspectiva de Paulo Freire.

Mesmo com as convergências e divergência dos autores, a análise dos trabalhos de pesquisadores como Phil Benson, Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva e Junia de Carvalho Fidelis Braga, destaca a complexidade intrínseca do tema. Benson, por exemplo, sugere que a autonomia do aprendiz é caracterizada por vertentes técnica, psicológica e política. Paiva e Braga, por sua vez, ressaltam que a autonomia é um sistema complexo e multifacetado, dinâmico e não-estático, construído por interações não-lineares e adaptativas.

Essa dualidade pode implicar ações pedagógicas. Apesar da importância e da relevância do autor, limitar a prática de sala de aula em somente três vertentes, como defende Benson, pode levar à desconsideração de outras facetas, como defendem Paiva e Braga, presentes na realidade do aprendiz, como, por exemplo, questões fisiológicas e/ou de agenciamento.

Conclui-se, portanto, que a pesquisa rigorosa sobre autonomia permanece essencial. É fundamental investigar como essa complexidade se manifesta em diversos contextos educacionais e quais estratégias são mais eficazes para desenvolver essa capacidade. O entendimento da autonomia como um sistema complexo que envolve questões psicológicas, comportamentais e sociais é crucial para embasar a prática pedagógica e, em última instância, formar aprendizes mais competentes, críticos e independentes, capazes de sustentar seu desenvolvimento linguístico e pessoal ao longo da vida. O

caminho da autonomia é, de fato, o caminho para uma aprendizagem de línguas mais significativa e eficaz.

Para um trabalho futuro mais aprofundado, acredita-se que uma pesquisa que explore como outros autores também relevantes abordam o tema possa ser parte constituinte de um arcabouço teórico relevante nos estudos sobre a autonomia do aprendiz, no âmbito da Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS

BENSON, P. The philosophy and politics of learner autonomy. In: BENSON, Phil; VOLLER, Peter (ed.). **Autonomy and independence in language learning**. [S.l.: s.n.], 1997. p. 18-34.

BENSON, P. Autonomy in language teaching and learning. **Language Teaching**, Cambridge, n. 40.1, p. 21-40, 2007.

DAM, L. **Learner autonomy 3: from theory to classroom practice**. Dublin: Authentik, 1995.

DICKINSON, L. **Self-instruction in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOLEC, H. **Autonomy and foreign language learning**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

LITTLE, D. **Learner autonomy: definitions, issues and problems 1**. Dublin: Authentik, 1991.

LITTLE, D; RIDLEY, Jennifer; USHIODA, Ema (ed.). **Learner autonomy in the foreign language classroom: teacher, learner, curriculum and assessment**. Dublin: Authentik, 2003.

PAIVA, V.L.M.O.; BRAGA, J.C.F. The complex nature of autonomy (A natureza complexa da autonomia). **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, n. 24, p. 441-468, 2008.

PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127, 2006.